



Projetada para 500 mil habitantes no início do século a cidade já está hoje com o triplo de moradores

Brasília no ano 2000 exigirá superestrutura de serviços

Helena Cirineu

No ano 2.000 Brasília terá, segundo estimativas oficiais, cerca de 4 milhões de habitantes. Isso significa que a Capital do País precisará ter nas ruas 3.250 ônibus coletivos (atualmente são 1.300); os reservatórios de água tratada deverão acumular, por segundo, 13.400 litros (hoje são 5.122,36, segundo a Caesb); terá que processar 2 mil toneladas de lixo por dia (a capacidade atual é de 850 toneladas); terá que quintuplicar o número de coletores de esgoto e aumentar a capacidade energética de 5 milhões de kWh/dia para 12,5 milhões de kWh/dia.

Consumo de água preocupa

Para abastecer de água potável a quase totalidade dos 1,6 milhões de habitantes de Brasília, são utilizados os mananciais Rio Descoberto, Torto, Santa Maria, Cabeça-dô-Veado, Taquaril, Currais e Pedras, Alagado, Crispim, Ponte-de-Terra, Olho D'Água, Contagem, Paranoazinho, Corguinho, Brejinho, Capão-da-Onça, e Catetinho, segundo o presidente da Caesb, William Sebastião Penido Valle.

Atualmente, de acordo com William Valle, o consumo de água em todos os núcleos urbanos do Distrito Federal, atinge um volume de 5.122,36 litros por segundo. Entre os períodos chuvosos e, os de secas mais prolongadas, como o atual

No ano 2.000 Brasília deveria ter, segundo seu idealizador, Lúcio Costa, apenas 500 mil pessoas. No entanto, faltando ainda 14 anos para chegar ao século XXI a cidade conta com uma população de mais de 1,6 milhão de habitantes. Esse inchaço, segundo o Sindicato dos Engenheiros do Distrito Federal, gera um déficit habitacional em torno de 80 mil residências. A manter-se esta tendência, o déficit no final do século será de mais de 200 mil moradias. Sem contar que, no cinturão que cerca Brasília, estarão cerca de 10 milhões de pessoas vivendo na região de influência da Capital, segundo

verifica-se grande diferença de consumo. Em Brasília e áreas adjacentes, por exemplo, o aumento chega a 580,8 litros por segundo e tem, como causa principal a manutenção das áreas verdes no período seco.

Segundo William Valle, dentro do programa de investimentos da Caesb, para os próximos anos, figuram muitas obras, que dependem, para seu início, de empréstimo do Banco Mundial, entre elas, expansão, substituição, e melhoria das redes de abastecimento. Entretanto, afirma, o secretário de Serviços Públicos, José Roberto Arruda, "os mananciais hídricos estão defasados e daqui a cinco anos não teremos mais o que explorar".

Apenas 410 mil têm esgotos

Do total de mais de 1,6 milhão de habitantes de Brasília, apenas 409.157 são servidos com esgoto sanitário tratado em três estações — duas no Plano Piloto (Asa Sul e Asa Norte), e uma em Sobradinho. Existem ainda segundo o presidente da Caesb, William Valle, mais quatro lagoas de estabilização no Guarã, Planaltina e Brazlândia.

Este pequeno número de pessoas atendidas pela rede de esgoto fez surgir principalmente no Lago Norte e no Lago Sul, ligações clandestinas que levam dejetos sanitários até o Lago Paranoá. Para a recuperação deles serão necessários cerca de 100 milhões de dólares. Se as

obras tivessem início agora, somente daqui a dez anos — em 1996 — o Lago estaria completamente despoluído.

Enquanto estes recursos não chegam, a Caesb prepara, para o futuro, a ampliação e adaptação das estações de tratamento das Asas Sul e Norte; interligação dos coletores de esgotos do Lago, do SIA, do Guarã e do Núcleo Bandeirante aos interceptores que transportarão os dejetos até as estações que estão sendo ampliadas nas cidades-satélites e Plano Piloto. Planeja-se ainda, segundo William Valle, a implantação do projeto de construção da estação de tratamento de esgotos para atender a Taguatinga, Ceilândia e Samambaia.

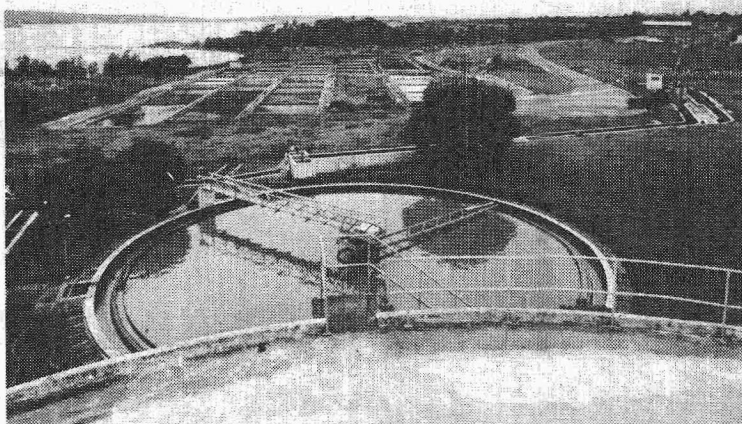
Mino Pedrosa

previsão do presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Lindberg Aziz Cury. «A estrutura social e de serviços do DF não terá condições de atender à demanda deste contingente populacional», profetiza ele.

Esta situação preocupa os administradores do Distrito Federal. Segundo o presidente da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb), William Sebastião Penido Valle, «o acelerado aumento da população do Distrito Federal, nos últimos anos, alterou profundamente os planos e programas iniciais de abastecimento de

água e esgotamento sanitário da capital e cidades-satélites».

Para Willian, «não podendo distanciar-se desta realidade, o governo tem sido forçado a intensificar o ritmo das obras no setor de saneamento, a fim de não apenas atender às necessidades mais prementes da população, mas também acompanhar a demanda de serviços por largo espaço de tempo». Para ele, trata-se de «uma tarefa bastante difícil e que estará exigindo a concentração de esforços cada vez maiores por parte do governo, pois nem sempre haverá correspondência com os recursos financeiros disponíveis».



O tratamento de água exigirá 13.400 litros por segundo

Transporte é insuficiente

Em junho, o Governo do Distrito Federal efetivou um sistema de subsídio à passagem do transporte coletivo com recursos originários do Imposto sobre Veículos Automotores (IPVA), no qual paga, aos empresários do setor, Cz\$ 4,90 por quilômetro rodado. Foi a primeira tentativa de melhorar o serviço de transporte coletivo depois da implantação do Plano Cruzado e que vinha gerando queixas entre os empresários, devido ao congelamento da passagem.

Mesmo assim, Brasília ainda se ressentia de uma melhor estrutura no transporte de massa. Segundo estatísticas oficiais, são transportados, diariamente, 686 mil pessoas, altamente pre-

judicadas pelo traçado urbano da Capital do País. Devido à distância do percurso e ao destino do passageiro, que coincide com o dos demais, um ônibus sai da cidade-satélite com cem pessoas e chega ao destino com o mesmo número.

A cidade tem cerca de 1.300 ônibus nas ruas, divididos entre convencionais, executivos e micros. Mantendo-se o crescimento atual, deverá ter, no ano 2.000, pelo menos 3.250 veículos de transporte, como no Plano Piloto não há possibilidade de aumento substancial da população residente, a situação deverá agravar-se para as satélites, que receberão todo o novo contingente habitacional.



O lixo já é um sério problema. No ano 2000, será pior



O traçado urbano prejudica o serviço de transportes

Coleta de lixo é precária

O serviço de limpeza urbana não está acompanhando o crescimento demográfico de Brasília, diz o superintendente do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana (SLU), Gesner Thome. Nos últimos dez anos, o quadro de pessoal, equipamento e recursos da empresa ficou praticamente parado enquanto Brasília cresceu expressivamente. «Esta defasagem acarretou um acúmulo de serviço provocando um atendimento precário», acrescenta o superintendente.

Brasília tem uma das maiores taxas de recolhimento de lixo do mundo: 800 toneladas por dia e 600 gramas por pessoa. Possui duas usinas de tratamento de lixo, uma na

sede da SLU e outra na Ceilândia. A primeira processa 250 toneladas/dia e a segunda 600 toneladas, ainda em fase experimental, podendo chegar a 1.400 toneladas/dia se for ampliada. Mas não existe projeto de ampliação, porque a usina está atendendo às necessidades do mercado.

Para Gasmer, o material que não é aceito no processamento do lixo é a solução do futuro, aproveitado para combustível. Esse material atualmente é enterrado em áreas determinadas pelo Governo. O Superintendente teme que daqui há alguns anos a proliferação de habitantes torne reduzidas as áreas em torno da cidade destinadas ao enterro do rejeito.

Energia é produzida fora

Do total de energia elétrica consumida em Brasília, 94% vêm de fora. A usina local — do Paranoá —, de propriedade da Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB), produz apenas 6% da energia fornecida para a Capital, segundo o presidente da empresa, Paulo Victor Rezende. Ela tem capacidade para o fornecimento de 25 mil KW e foi instalada em 1962.

Existe ainda uma usina termelétrica, de reserva, que funciona à base de óleo diesel, produzindo 10 mil KW. No entanto, está desativada desde

1975, como medida de economia de combustível originado de petróleo. Segundo Paulo Victor, no Distrito Federal não há rios de grande vazão que possam permitir a construção de uma usina hidrelétrica suficiente para atender ao consumo.

Paulo Victor afirmou também que a CEB dependerá sempre de suprimento externo para atender às necessidades de Brasília em eletricidade. Disse que todo aumento no consumo de energia será atendido, no futuro, através do sistema de Furnas.